

Revista Brasileira de Comércio Exterior

# RBCCE

A revista da FUNCEX

Ano XXXIV

143

Abril, Maio  
e Junho de  
2020

## CORONAVÍRUS Impacto na Economia Global

### SUPERANDO A CRISE

#### COMPETITIVIDADE PARA A INDÚSTRIA Roteiro para uma Inserção Internacional

#### ABRINDO NOVOS MERCADOS: ÁSIA China: Crise e Oportunidade Novas fronteiras para o Comércio Exterior do Brasil

#### SE PREPARANDO PARA OS DESAFIOS O princípio da precaução da OMC e da OCDE

#### LIÇÕES Liberalização Comercial na América Latina



fundação  
centro de estudos  
do comércio  
exterior

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

2 Editorial

Desafio para as exportações

Miguel Lins

---

4 Economia Global pós-Covid 19

Impacto do *coronavirus* na Economia Global

Otaviano Canuto

---

18 Segurança Alimentar

Brasil no mundo pós-Covid: liderança confiável na luta pela segurança alimentar

Pedro Henrique de Souza Netto

---

22 Turismo e Competitividade

Impacto da Covid-19 no Turismo

Rafael Aloisio Freitas e Lucio Macedo

---

24 Competitividade para a indústria brasileira

A Agenda Internacional da Indústria 2020

Carlos Eduardo Abijaodi

---

30 China como vetor de crescimento

Crise e Oportunidade

Luiz Augusto de Castro Neves e Tulio Cariello

---

36 Novos Mercados

Ásia: novas fronteiras do comércio exterior do Brasil

Thiago Mattos e Maurício Santoro

---

48 Princípio da Precaução da OMC e da OCDE

O conflito entre Estados Unidos e União Europeia e os desafios para o Brasil

Vera Thorstensen e Catherine Rebouças Mota

---

64 Liberalização Comercial

Trinta anos de liberalização comercial na América Latina: valeu a pena?

Mauricio Mesquita Moreira

## Desafio para as Exportações

O impacto da Covid-19 na saúde humana, e nas finanças em geral, é um evento singular e único na história da humanidade. O simultâneo contágio e difusão do coronavírus por todos os continentes afetou imediatamente as pessoas, os mercados financeiros, e as relações de produção e consumo.

Esta edição da RBCE apresenta um artigo que analisa o impacto do coronavírus na economia mundial. Entretanto, apesar de o artigo mostrar uma análise rica do momento presente, temos de estar atentos aos desafios conjunturais e estruturais que os exportadores brasileiros terão de enfrentar nos próximos meses, incluindo o acesso ao mercado financeiro na obtenção de linhas de *trade finance*. Precisamos apoiar as empresas brasileiras na internacionalização de seus negócios, inclusive aquelas que ainda não entraram na atividade de exportação.

Sem dúvida, o desafio dos exportadores brasileiros no novo normal, será apresentar resultados e lucratividade nas operações; e também inovar, perceber as oportunidades e as ameaças impostas pelo atual ambiente de negócios internacionais. Este ambiente, como apontado pelo Ministério da Economia, mostra que nos primeiros cinco meses de 2020 o crescimento das exportações brasileiras vem se expandindo a taxas superiores à demanda mundial. Isto evidencia que estamos deslocando concorrentes internacionais.

O crescimento das exportações nacionais, em um período de fraca demanda internacional, resulta do ajuste da taxa de câmbio nominal e da decisão do atual governo de abrir a economia nacional. Vale ressaltar que se deve analisar uma abertura multilateral no comércio internacional por meio de pesquisas aprofundadas. Uma recomendação da Funcex, no momento presente, é identificar fontes de financiamento para a realização de pesquisas, como as que foram feitas sobre essa temática nos anos 1980 e 1990. Aliás, esta edição da RBCE apresenta um artigo mostrando como foi importante, há trinta anos, a América Latina abrir sua economia ao mundo.

Ao se abrir uma economia continental como a brasileira, a orientação da Funcex é que empreendedores e empresas se mobilizem para descobrir oportunidades no comércio internacional, mesmo num ambiente de retração generalizada da atividade econômica. De fato, há espaço, agora, para incentivar empresas não exportadoras a se tornarem exportadoras iniciantes, e massificar o treinamento dessas por meio da metodologia de capacitação como a desenvolvida pela CNI, denominada Rota Global. Esse é um primeiro e seguro passo para a internacionalização. As empresas podem contar com ampla gama de serviços de apoio à internacionalização, conforme apontado no artigo sobre a Agenda Internacional da Indústria para 2020.

Há, também, transformações estruturais em curso no mercado internacional que são objeto de vários artigos desta edição da RBCE, como: (i) análise sobre a Ásia como nova fronteira para o comércio exterior brasileiro; (ii) a China como vetor de crescimento; (iii) a liderança nacional como ofertante de alimentos para a segurança alimentar no mundo pós-Covid; e (iv) a competitividade do destino turístico, tendo como pano de fundo a Cidade Maravilhosa do Rio de Janeiro. Por último, há um artigo sobre um tema emergente que estará na mesa de negociação internacional, que é o conceito de precaução em assuntos de meio ambiente, e de medidas fitossanitárias.

Em face dessa variedade de temas expostos nesta edição da RBCE, cabe lembrar que a história do comércio exterior, no Brasil, mostra que, com incentivos apropriados de formação de preços, os exportadores obterão pedidos de exportações. Mas hoje, em tempos de Covid-19, para produzir e embarcar as mercadorias, os exportadores precisarão financiar o ciclo de produção de seus produtos antes de embarcar, ou poderão ter que financiar seus compradores. Haverá, as vezes, a necessidade de financiar simultaneamente tanto a produção exportável, quanto o comprador internacional.

No tocante ao *trade finance*, a Direção da Funcex identifica que o problema a ser enfrentado no momento presente é similar ao observado em 2008, no Brasil, quando as linhas de crédito, cujas fontes eram em moeda estrangeira, ficaram escassas. Hoje, já há sinais de que não há muita disponibilidade de captação internacional dessas linhas. A bem da verdade, ainda existe alguma oferta de fundos para essas linhas, mas o preço oferecido pelas instituições financeiras, localizadas no exterior, é elevado em relação aos padrões históricos praticados. Isto torna a captação desses recursos muito onerosa para ser feita pelos bancos baseados no Brasil, e para serem repassados aos exportadores.

Com a redução das linhas de crédito às exportações, nosso olhar e atenção se voltam para superar o desafio do acesso ao crédito das empresas exportadoras ao Sistema Financeiro Nacional, e para o papel central dos bancos públicos e privados no sentido de

ajudar a romper a atual escassez na área de *trade finance*. Temos de lembrar que uma característica implícita ao sistema financeiro é que ele trabalha, de um lado, sob assimetria e informação incompleta de seus clientes potenciais e efetivos, e, de outro, sob um processo de seleção adversa de projetos de negócios de exportação a serem objeto de financiamento.

Em situações de falta de linhas de *trade finance* em tempos de Covid-19, a Direção da Funcex está atenta ao surgimento de “bolsões de iliquidez” em determinados setores exportadores ou por faixas de porte das empresas, que eventualmente podem gerar situações de inadimplência e falta de performance de exportação. Inclusive, já estamos começando a observar um gradual aumento da tensão na relação entre o exportador e o banco. Isso está ocorrendo quando chega a hora de financiar ou refinarciar as operações dos tradicionais financiamentos de pré e pós-embarques.

Para enfrentar essa situação, como ocorreu em 2008, a Direção da Funcex encaminhou ofício ao Banco Central do Brasil (Bacen) sugerindo utilizar as reservas internacionais em dólares e disponibilizar para que os bancos localizados no Brasil ofereçam financiamento aos exportadores nacionais. Estes, ao longo do seu ciclo de produção, produzem, embarcam as mercadorias, recebem pelas vendas externas e entregam, ao final do ciclo, as divisas obtidas aos bancos comerciais localizados no Brasil, os quais, por sua vez, entregam as divisas obtidas com as exportações ao Bacen, para recompor as reservas internacionais. Esses instrumentos estão ainda em vigor, e são apropriados para enfrentar a atual escassez de linhas externas de financiamento às exportações. Vale lembrar que é preciso que haja liquidez e oferta de financiamento às exportações no sistema financeiro nacional, lastreado em moeda estrangeira, cujos nível e volume dependem de decisão e do novo desenho institucional do Bacen.

Hoje, a Funcex – com a crise de Covid-19 ou não – está buscando soluções para reduzir a assimetria de informações a fim de que bons projetos de exportação sejam apresentados ao sistema financeiro, e financiados. Agora é a hora para incentivar a ideiação e a aceleração de negócios internacionais e de *fintechs*, que digitizam o financiamento das exportações.

De um lado, sabemos que anualmente o governo disponibiliza recursos orçamentários para financiar as exportações das pequenas e médias empresas (PMEs) exportadoras. Esses recursos orçamentários não são plenamente utilizados, seja por desconhecimento, seja porque as empresas não sabem como propor, submeter, contatar e gerir uma operação de *trade finance* com recursos públicos.

De outro lado, apesar da dedicação e do apoio das equipes dos bancos oficiais de comércio exterior em identificar potenciais empresas exportadoras, eles acabam esbarrando com o problema de assimetria de informação e seleção adversa de se ter “bons” projetos de exportação. Por exemplo, na Índia já há plataformas que recebem pleitos de financiamento por parte das pequenas e médias empresas. Estas fazem uma análise prévia do pedido com base numa cesta de produtos financeiros. A partir dessa análise, é feito um *rating* facilitando a abertura dos dados das operações empresariais que são difíceis de serem obtidos e revelados pelas empresas. Ou seja, mediante uma plataforma de negócios de financiamento às exportações, busca-se reduzir o problema de assimetria de informação e seleção adversa implícito no acesso ao financiamento às exportações das PMEs.

Por sua vez, a plataforma pode encaminhar os pleitos e negociar com os bancos as condições de acesso eventual ao financiamento. Vale ainda assinalar que a Direção da Funcex recomenda formular uma política de incentivos à constituição de *fintechs* para financiamento às exportações no Brasil. Essas poderiam ser constituídas a partir da estruturação de fundos de investimento, lastreados, por exemplo, por notas de exportação, cédula de produtor rural para exportação, e títulos de *factoring*. Nesses casos haverá supervisão do Bacen e da CVM, quando se aplicar. E, o melhor, é que as PMEs exportadoras terão formas de acesso às exportações, compostas por fontes públicas e privadas.

Para enfrentar um dos pontos críticos das exportações em tempos de Covid-19 estamos expandindo a área de “Consultoria de *trade finance* da Funcex”, em especial na parte de readequação da estrutura de capital de empresas exportadoras e não exportadoras, e de operações estruturadas para *trade finance*, e finanças verdes. De fato, estamos montando, especificamente, metodologia composta por *workshop*, curso e consultoria que permita apoiar preferencialmente *on-line*, ou presencialmente, as empresas exportadoras para que saibam apresentar bons projetos de exportação, e também mostrar dados de crédito *scores* consistentes, para terem maiores condições de acesso aos tradicionais produtos de *trade finance*.

Recomendamos que acompanhem as novidades da Funcex: *workshops* e cursos; Agência de Notícias, as mídias sociais e, sobretudo, continuem a prestigiar a RBCE, que este ano completa 35 anos. Boa Leitura!



Miguel Lins  
Vice-presidente da Funcex

# Brasil no mundo pós-Covid: liderança confiável na luta pela segurança alimentar



Pedro Netto

Pedro Henrique de Souza Netto  
é mestre em Relações Internacionais e  
Analista de Negócios Internacionais na Apex-Brasil

Em meio à quarentena global imposta pela Covid-19, diversos analistas ao redor do globo elaboraram análises sobre o mundo após o novo coronavírus. O *Financial Times* (Virus..., 2020), em editorial, sugeriu a necessidade de uma maior participação do Estado na economia, enquanto a *The Economist* (Is China..., 2020) discutiu aspectos geopolíticos e comerciais relacionados à China. Agências de classificação de risco e consultorias, como Moody's, Fitch e Euromonitor, lançaram análises semanais de perspectivas macro e microeconômicas para o ano. O grande número de análises contribuiu principalmente para mostrar o alto grau de incerteza pelo qual o mundo passa no momento.

Nesse contexto de mudança, um tema que passa de forma secundária por análises é a segurança alimentar. De todo modo, diversos fatores apontam para os desafios do cenário intra e pós-Covid-19 para a nutrição global. Restrições à movimentação de pessoas, e na produção de bens, durante a pandemia, e a crise econômica que provavelmente a seguirá, é certo que impactarão o comércio mundial de alimentos. Esses fatores, por sua vez, tendem a causar flutuação em preços, reduzir a diversidade de dietas e prejudicar a geração de empregos envolvidos no processamento de alimentos. Tal cenário pode se provar especialmente nocivo para os 2 bilhões de pessoas que, em 2018, já enfrentavam algum grau de insegurança alimentar – inclusive em regiões relativamente ricas como América do Norte e Europa (89 milhões) e Oriente Médio e Norte da África (151 milhões) (FAO, IFAD, Unicef, WFP e OMS, 2019). A Covid-19 certamente criará dificuldades para a aquisição de uma alimentação saudável nos próximos meses.

Em um cenário de incerteza geopolítica e dificuldade alimentar, o Brasil ganha a oportunidade de cada vez mais se posicionar com destaque no cenário internacional. Três fatores principais explicam esse posicionamento: a inelasticidade na demanda global por alimentos, a preocupação de governos com a segurança alimentar de sua própria população, e a robustez da produção agroindustrial brasileira.

É consensual que alimentos possuem demanda relativamente inelástica. Isso ficou evidente nos últimos meses: na China, primeiro país afetado pelo novo coronavírus, a demanda ficou relativamente estável mesmo durante os meses de quarentena, com avanços percentuais na casa dos três dígitos tanto no consumo em varejo de lojas físicas quanto no *e-commerce* (Fitch, 2020a). Ao redor do globo, o avanço nas restrições à movimentação de pessoas foi acompanhado por crescimento nas vendas de alimentos básicos (como massas, cereais e alimentos prontos) (Euromonitor, 2020b). Como resultado da alta demanda por alimentos, a Fitch (2020b) estima que o setor cresça 6,5% em 2020 – quando o PIB global deve crescer cerca de 1%.



Mesmo com a demanda inelástica por alimentos, a Covid-19 traz mudanças significativas também para este setor. O crescimento no consumo residencial possivelmente gerará impactos de médio prazo, incluindo o aumento no *e-commerce* e a queda no consumo em restaurantes e hotéis (Fitch, 2020b; Euromonitor, 2020b). Do mesmo modo, preferências podem ser alteradas – a Euromonitor (2020c), por exemplo, considera provável que consumidores busquem adquirir alimentos mais baratos, reduzir a busca por bens *premium* ou tentar alterações dietárias como o semivegetarianismo. Na análise setorial, haverá vencedores e perdedores: proteína animal, por exemplo, tende a se manter como alimento mais comercializado no mundo nos próximos cinco anos, enquanto massas provavelmente crescerão por serem de fácil preparação. Já café pode ser impactado negativamente pela Covid, em razão da queda no consumo em cafeterias (Fitch, 2020a; Euromonitor, 2020b). Em meio à crise do coronavírus, a demanda por alimentos se manterá, mas seus efeitos não serão homogêneos.

A manutenção na demanda por comida gera uma preocupação nos governos nacionais: como manter sua população alimentada? O aumento de controles sanitários em portos e estradas, por si só, já criou atrasos no transporte de alimentos, e a contaminação de trabalhadores pela Covid-19 já fechou grandes frigoríficos nos Estados Unidos (Euromonitor, 2020b;

Wiener-Bronner, 2020). A produção ainda tende a ser impactada por outro tipo de problema – o da mão de obra. A agropecuária de países da Europa Ocidental, Oceania e Estados Unidos é fortemente dependente de trabalhadores estrangeiros, e é esperado que as restrições nas viagens internacionais criem escassez de mão de obra na próxima safra (Euromonitor, 2020b). As medidas restritivas tomadas pelos governos ante o caos provocado pela Covid-19 estão impactando negativamente a produção global de alimentos.

Na tentativa de conter os efeitos dessa queda, os países têm tomado dois tipos de decisão: restringir ou flexibilizar as regulamentações de comércio exterior. As restrições se concentram na proibição de exportações ou na determinação de cotas de vendas internacionais. A Romênia, país-membro da União Europeia, suspendeu as exportações de cereais, farinha, açúcar e óleos. O Vietnã, quinto maior produtor mundial de arroz, aplicou cotas de exportação ao produto. Já a União Econômica Euroasiática (bloco que inclui a Rússia) restringiu as exportações de cereais e oleaginosas, farinhas e temperos, enquanto a Turquia aplicou controles à exportação de limão (ITC, 2020). No sentido oposto, países como Rússia, Indonésia, Suíça e Marrocos reduziram as barreiras à importação de produtos como cereais, farinhas, lácteos, hortaliças e ovos (Apex-Brasil, 2020; ITC, 2020). Tanto as restrições às exportações quanto a flexibilização de importações afetam principalmente alimentos básicos.

“

A procura aquecida por alimentos e a restrição à exportação por alguns fornecedores certamente irá gerar um déficit de entrega de alimentos que pode ser suprido por *players* que possuam uma agroindústria robusta.

O Brasil, por seu setor produtivo e diante da atual conjuntura, tem a capacidade de suprir o mundo com alimentos saudáveis

”

A procura aquecida por alimentos e a restrição à exportação por alguns fornecedores (seja por queda de produção, seja por regulações) certamente irá gerar um déficit de entrega de alimentos que pode ser suprido por *players* que possuam uma agroindústria robusta. O Brasil, por seu setor produtivo e diante da atual conjuntura, tem a capacidade de suprir o mundo com alimentos saudáveis.

A produção brasileira de alimentos é reconhecida por sua resiliência, que se torna comparativamente maior que a dos Estados Unidos e da União Europeia nesse momento da pandemia. Em razão da característica rural do setor e de sua alta tecnificação (e resultante baixo uso de mão de obra), surtos de Covid-19 são menos prováveis no campo brasileiro. Em um diferencial frente a seus concorrentes, o agronegócio local não é dependente de mão de obra estrangeira, reduzindo o impacto de restrições a viagens sobre a produção. Por esses motivos, a Fitch (2020a) e o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2020) projetam que a produção de proteína animal, oleaginosas e cereais cresça no Brasil durante 2020.

Para fora da porteira, o crescimento da produção brasileira de alimentos é beneficiado por ações estruturais que apoiam empresas do setor e simplificam o escoamento. A “MP do Agro” (Lei 13.986/2020), de 07 de abril, por exemplo, foi bem recebida por associações setoriais por suprir a antiga demanda de atualizar instrumentos de financiamento rural pelo setor privado (CNA, 2020b). O governo federal ainda atuou para proteger a logística de exportação, flexibilizando contratações em portos e articulando o adiamento de greve no Porto de Santos

“

Mesmo com uma conjuntura favorável, o agronegócio brasileiro precisará investir tempo e recursos na defesa da saúde de seus funcionários, na compra de insumos, na análise de caminhos logísticos e em promoção para exportar sua produção

”

(Fitch, 2020a). Internacionalmente, a depreciação em 31,4% do valor do real frente ao dólar (até 20 de abril) tem ampliado a competitividade de bens alimentares brasileiros no exterior (BCB, 2020). Medidas governamentais e mesmo a conjuntura econômica global têm cooperado com a capacidade de exportação de alimentos do Brasil.

Cabe mencionar, contudo, que mesmo a produção brasileira enfrentará riscos em meio à epidemia da Covid-19. No curto prazo, a proteção à saúde de funcionários em grandes plantas processadoras de alimentos é necessária para evitar surtos, e os subsequentes fechamentos de fábricas como ocorreram nos Estados Unidos (Fitch, 2020a). Simultaneamente, a desvalorização do real afeta a compra de fertilizantes (a grande maioria importada) e impactará os custos de produção nas próximas safras (Fitch, 2020a). Ademais, a quebra em grandes cadeias logísticas globais pode reduzir a disponibilidade de contêineres frigoríficos no Brasil (CNA, 2020a). Já no longo prazo, é possível um fortalecimento da tendência de mercado do localismo, propelida por preocupações sanitárias e por um senso de comunidade reforçado pela doença (Euromonitor, 2020a). Mesmo com uma conjuntura favorável, o agronegócio brasileiro precisará investir tempo e recursos na defesa da saúde de seus funcionários, na compra de insumos, na análise de caminhos logísticos e em promoção para exportar sua produção.

Em *The State of Food Security and Nutrition in the World 2019*, a FAO (2019) e outras agências da ONU manifestaram sua preocupação com o aumento da fome no mundo que ocorre desde 2015. Com a pandemia da Covid-19 e a consequente crise econômica que a segue, é improvável que esse cenário se reverta em 2020. Nesse contexto, países que têm a capacidade de produzir grande quantidade de alimento barato e saudável ganham a oportunidade de reforçar sua posição como provedores no comércio mundial de alimentos. Com a alta demanda global, quebras de produção e proibições de exportação em vários países, e a robustez de seu setor rural, o Brasil tem a possibilidade de reforçar sua posição de fornecedor global confiável de alimentos no mundo pós-Covid.

### Resumo

O surto de Covid-19 trará implicações para a saúde e a economia globais. Na interseção entre ambos, a doença impacta a produção de alimentos, colocando em risco a segurança alimentar de bilhões de pessoas. O Brasil está em posição de reforçar sua posição de fornecedor global e confiável de alimentos.

## REFERÊNCIAS

APEX-Brasil. 2020. Mercados globais e coronavírus: relatório de inteligência de mercado. Brasília, 13 de abril. Disponível em: <http://coronavirus.apexbrasil.com.br/>. Acesso em 20/04/2020.

BCB – BANCO CENTRAL DO BRASIL. 2020. Coações e boletins. Brasília, 20 de abril. Disponível em: <https://www4.bcb.gov.br/pec/taxas/port/ptaxnpsq.asp?frame=1>. Acesso em 20/04/2020.

CNA – CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL. 2020a. Boletim semanal traz medidas de crédito e comercialização, análises setoriais e cenário do comércio internacional. Brasília: 18 de abril. Disponível em: <https://www.cnabrasil.org.br/noticias/boletim-semanal-traz-medidas-de-credito-e-comercializacao-analises-setoriais-e-avaliacao-cenario-do-comercio-internacional>. Acesso em 20/04/2020.

CNA – CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL. 2020b. Medidas propostas pela CNA vão beneficiar produtores. Brasília: 07 de abril. Disponível em: <https://www.cnabrasil.org.br/noticias/medidas-propostas-pela-cna-va-beneficiar-produtores>. Acesso em 20/04/2020.

EUROMONITOR. 2020a. *The impact of coronavirus on top 10 global consumer trends 2020*. 16 de abril. Disponível em: <https://www.portal.euromonitor.com/portal/account/login>. Acesso em 20/04/2020.

EUROMONITOR. 2020b. *The impact of coronavirus on hot drinks. Passport*. 07 de abril. Disponível em: <https://www.portal.euromonitor.com/portal/account/login>. Acesso em 20/04/2020.

EUROMONITOR. 2020c. *The impact of coronavirus on packaged and fresh food. Passport*. 06 de abril. Disponível em: <https://www.portal.euromonitor.com/portal/account/login>. Acesso em 20/04/2020.

FAO; IFAD; UNICEF; WFP; OMS. 2019. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2019: safeguarding against economic slowdowns and downturns*. Roma. Disponível em: <http://www.fao.org/3/ca5162en/ca5162en.pdf>. Acesso em 20/04/2020.

FITCH. 2020a. *Brazil Agribusiness: Processing facilities and imported inputs at highest risk of Covid-19 Disruption. Fitch Solutions*. 15/04/2020. Disponível em: <https://app.fitchconnect.com/>. Acesso em 20/04/2020.

FITCH. 2020b. *Global: Food and Drink Report – Q2 2020. Fitch Solutions*. 26/03/2020. Disponível em: <https://app.fitchconnect.com/>. Acesso em 20/04/2020.

*IS CHINA winning? The Economist*. 16/04/2020. Disponível em: <https://www.economist.com/printedition/2020-04-18>. Acesso em 20/04/2020.

ITC – INTERNATIONAL TRADE CENTRE. 2020. *COVID-19 Temporary Trade Measures. Market Access Map*. Disponível em: <https://www.macmap.org/covid19>. Acesso em 20/05/2020.

USDA – UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. 2020. *Production, Supply and Distribution. S.l.* Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>. Acesso em 21/04/2020.

*VIRUS lays bare the frailty of the social contract. Financial Times*. Editorial. 03/04/2020. Disponível em: [https://www.ft.com/content/7eff769a-74dd-11ea-95fe-\[OUT5Q'fcd274e920ca](https://www.ft.com/content/7eff769a-74dd-11ea-95fe-[OUT5Q'fcd274e920ca). Acesso em 20/04/2020.

WIENER-BRONNER, D. 2020. *One of the largest pork processing facilities in the US is closing until further notice. CNN Business*. 13/04/2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/04/12/business/meat-plant-closures-smithfield/index.html>. Acesso em 20/04/2020.

Imagem de MetsikGarden por Pixabay

